

CAPACITISMO NA ESCOLA

PROTOCOLO DE ATUAÇÃO E COMBATE



Observatório
Permanente dos
Preconceitos em
Escolas de
Sergipe

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
SERGIPE



Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe

Produção

Observatório Permanente dos Preconceitos nas Escolas de Sergipe (OPPES)

Apoio

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Secretaria de Estado da Educação de Sergipe (SEED)

Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe (FAPESE)

Organização

Ueliton Santos Moreira Primo (UFS)

Victor Hugo Lima Barros (UFS)

Roberta Lino Santana (UFS)

Yasmim Ferreira Leal (UFS)

Dalila Xavier de França (UFS)

Marcus Eugênio Oliveira Lima (UFS)

Comissão de Elaboração

Dalila Xavier de França (UFS)

Marcus Eugênio Oliveira Lima (UFS)

Ueliton Santos Moreira Primo (UFS)

Victor Hugo Lima Barros (UFS)

Roberta Lino Santana (UFS)

Yasmim Ferreira Leal (UFS)

Amanda Santos Trindade (UFS)

Barbara Santana Ribeiro (UFS)

Francisca Adila dos Santos (UFS)

Joana dos Santos (UFS)

Raquel Barcelos de Andrade (UFS)

Vanessa Santos Farias (UFS)

Fotografia de Capa

Governo de Sergipe

Revisão Textual

Luciana Mariz

Ilustrações

Diversifysketch

Sketchify Education

Fábio Cruz Mitidieri
GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE

José Macedo Sobral
VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE
/ SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Francisco Marcel Freire Resende
SECRETÁRIO EXECUTIVO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

José Edson Costa dos Santos
SUPERINTENDENTE EXECUTIVO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Eliane Passos Santana
DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE APOIO AO SISTEMA EDUCACIONAL-DASE

Adriane Álvaro Damascena
CHEFE DO SERVIÇO DE PROJETOS ESCOLARES PARA OS DIREITOS HUMANOS

Pedro de Santana Santos
COORDENADOR DO PROGRAMA ACOLHER

DIRETORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO

DRE 1 – Franz Russeberg da Silva Santos
DRE 2 – Daniela Santos da Silva
DRE 3 – Gadston dos Santos
DRE 4 – Handresha da Rocha Santos
DRE 5 – Elaine Silva Tomé
DRE 6 – Max Cardoso Silva
DRE 7 – Maria das Graças Albuquerque Melo
DRE 8 – Marleide Cruz de Araújo
DRE 9 – Antônio José de Santana
DEA – Gilvânia Guimarães dos Santos

EQUIPE TÉCNICA DO PROGRAMA ACOLHER

Ana Mércia Dantas da Silva Santana
Andressa Lílian Rodrigues de Oliveira
Elaine Araújo Canuto
Karinne Nascimento Silva
Lorena Maria Borges Silva
Marcus Vinícius Oliveira Santos
Nayane de Jesus Oliveira Silva Santos

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Capacitismo na escola [livro eletrônico] :
protocolo de atuação e combate / organização
Observatório Permanente dos Preconceitos nas
Escolas de Sergipe (OPPES). --
São Cristóvão, SE : Ed. dos Autores, 2025.
PDF

Vários autores.
Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-01-40872-9

1. Diversidade 2. Pessoas com deficiência -
Condições sociais 3. Pessoas com deficiência -
Educação 4. Preconceitos - Aspectos sociais
I. Observatório Permanente dos Preconceitos nas
Escolas de Sergipe (OPPES).

25-263384

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Pessoas com deficiência : Inclusão social :
Educação Pessoas com deficiência : Inclusão
social : Educação 370.115

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Apresentação

A cooperação entre a Universidade Federal de Sergipe e a Secretaria de Estado da Educação (SEED) é de fundamental importância para subsidiar e compreender as políticas públicas, a partir de dados oriundos das pesquisas acadêmicas. O material pedagógico apresentado a seguir, sob a forma de 7 (sete) protocolos que concernem às principais modalidades de violências e violações praticadas e percebidas na comunidade escolar – racismo, sexismo, LGBTfobia, classismo, intolerância religiosa; capacitismo; bullying e cyberbullying; – são o produto de uma rigorosa pesquisa fruto do Observatório das Violências e Conflitos Sociais na Rede Estadual de Ensino de Sergipe: Ações de Prevenção e Controle (UFS), a partir do diagnóstico da incidência dessas violências e violações em uma amostra representativa dos estudantes em 10 (dez) escolas circunscritas nas Diretorias Regionais de Educação do Estado de Sergipe.

Os protocolos apresentados servirão de embasamento técnico para a implementação dos núcleos do Observatório das Violências nas 10 (dez) unidades escolares da Rede Estadual de Ensino de Sergipe, orientando os profissionais que acompanharão os estudantes nas ações de prevenção e enfrentamento a essas modalidades de violência.

Cabe destacar que a SEED, por meio da Portaria nº 3625/2020, implementou a política de Promoção de Paz nas Unidades Escolares, considerando o crescente e notório aumento dos índices de violência no ambiente escolar, a necessidade da promoção de um espaço de acolhimento e cuidados, da difusão de práticas que estimulem a sensação de pertença dos estudantes, e do estímulo contínuo ao desenvolvimento integral de suas potencialidades.

Dentre as diretrizes da mencionada Portaria destaca-se a importância do estabelecimento de parcerias entre a escola e as Instituições de Ensino Superior (IES), para ações de colaboração na formulação de estratégias que visam a implementação da política da paz, observadas as diretrizes da SEED. Assim, compreende-se que as estratégias de intervenção indicadas nos protocolos elaborados pela equipe do Observatório deverão contribuir para a melhoria do clima escolar, na perspectiva da promoção da cultura de paz e não violência.

Ademais, o convênio celebrado entre os Departamentos de Psicologia e Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e a SEED buscará expandir o escopo das ações de formação continuada da equipe técnica que compõe o Programa de Acolhimento Psicossocial nas Escolas Estaduais de Sergipe (Programa Acolher) e demais profissionais da escola pública, bem como atingir um maior número de unidades escolares, além daquelas que foram inicialmente designadas como escolas-piloto para a implementação dos núcleos do Observatório das Violências e Conflitos Sociais.

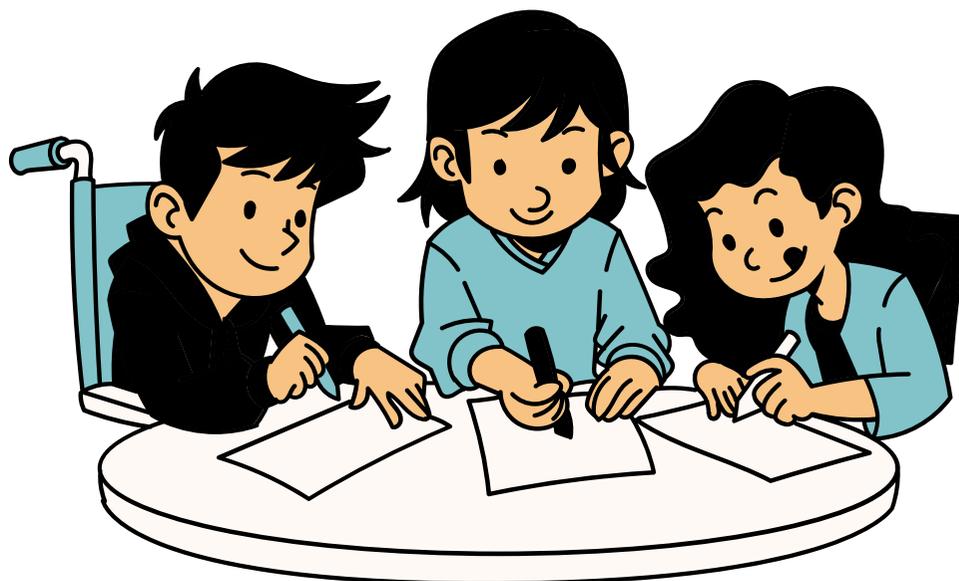
Sumário

1	Introdução	7
2	O que é capacitismo?	9
3	Quais as principais formas de expressão do capacitismo?	11
4	Como o capacitismo é reproduzido na escola?	15
5	Quais os impactos do capacitismo?	18
6	A função da escola no combate ao capacitismo	21
7	O papel do(a) professor no combate ao capacitismo	23
8	O papel da gestão escolar no combate ao capacitismo	27
9	O papel da família no combate ao capacitismo	29
10	O papel da psicologia escolar no combate ao capacitismo	31
11	Uma situação de capacitismo ocorreu na minha escola: Como posso lidar com isso?	33
12	Como combater o Capacitismo na escola: intervenções e indicações de materiais.	37
13	Canais de denúncia	43
14	Relatório para registro de ocorrências de preconceito na escola.	44
15	Referências	46

1. Introdução

→ A presença de pessoas com deficiência nas escolas é reflexo da riqueza da diversidade humana na sociedade. **Reconhecer** e **respeitar** essa diversidade é essencial para criar um ambiente educativo inclusivo, no qual todos os estudantes, independentemente de suas condições físicas, cognitivas e psicológicas, se sintam seguros, pertencentes, apoiados e valorizados. **Promover a aceitação e o respeito pela diversidade não apenas enriquece o aprendizado e a convivência escolar, mas também prepara os estudantes para viver e interagir em uma sociedade plural e igualitária.**

→ Este protocolo foi desenvolvido no âmbito do Observatório Permanente dos Preconceitos nas Escolas de Sergipe (OPPES) e surge da urgente necessidade de enfrentar e combater o capacitismo nos ambientes escolares. **O capacitismo é uma questão que fere os direitos humanos e exige um esforço conjunto de toda a comunidade escolar e sociedade para o seu enfrentamento.** Este material visa fornecer uma maior compreensão sobre o tema, bem como estratégias práticas para criar um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso, livre dos preconceitos.



→ Neste material, apresentamos o conceito de capacitismo, suas principais formas de expressão na sociedade e no ambiente escolar, bem como os impactos desse fenômeno na saúde mental e na aprendizagem escolar dos estudantes, destacando a urgente necessidade de intervenção. **O combate ao capacitismo exige compromisso, conhecimento e ação conjunta de toda a escola.** Por isso, neste protocolo são apresentados os papéis dos atores escolares para a criação de um ambiente seguro e inclusivo para todas as pessoas em sua pluralidade. Além disso, apresentamos políticas e práticas que podem ser implementadas pelos profissionais da comunidade escolar para promover o respeito e a inclusão da diversidade, bem como discutimos maneiras pelas quais os educadores, pais e responsáveis podem colaborar com a escola para garantir um ambiente seguro e respeitoso para os estudantes e para todos que compõem a comunidade escolar.

Desejamos uma excelente leitura e um bom aproveitamento deste material!

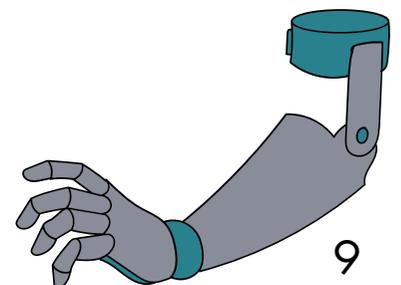


2. O que é Capacitismo?

A Organização Mundial da Saúde [1] **denomina pessoas com deficiência aquelas que apresentam impedimentos físicos, mentais, intelectuais ou sensoriais de longo prazo** que, ao interagirem com outros fatores, podem dificultar sua vivência em sociedade em condições iguais com o restante da população. Dessa forma, a deficiência é entendida como a relação entre o estado de saúde ou desabilidade do indivíduo e os diversos fatores que influenciam seu ambiente.

Assim, o ambiente de uma pessoa tem grande impacto sobre a forma como a deficiência é experienciada e sua extensão, de forma que ambientes inacessíveis são responsáveis pela criação de deficiência ao criarem barreiras à participação e inclusão [1]. Pensar sobre como uma pessoa surda interage com um ambiente sem intérprete de língua de sinais é uma forma de compreender como o ambiente tem grande relevância na vivência desse indivíduo. **A saúde também é influenciada pelo ambiente, seja desde o saneamento básico até as condições de trabalho [1].**

O **capacitismo**, por sua vez, **tem como imagem de corpo ideal do indivíduo, em termos de capacidade compulsória**, algo de materialidade aperfeiçoada, de tal forma que a deficiência é vista como inerentemente negativa e deve ser, sempre que possível, melhorada, curada ou eliminada [2]. Em função do preconceito, às Pessoas com Deficiência (PCD's) é relegado o *status* de "segunda classe", como se a deficiência implicasse em inferioridade [3].



Desde os primórdios das civilizações humanas, **o preconceito contra pessoas com deficiência está presente na constituição do ser humano**, tanto que nos grupos primitivos a vida de uma pessoa com deficiência era impossível [4]. Era comum a exclusão das pessoas que não seguiam o padrão de corpo ideal, devido a afirmações, que até hoje alguns acreditam, de que se trata de um castigo divino, seja para a própria pessoa ou para a família.

Hoje, esse tipo de preconceito contra Pessoas com Deficiência (PCD's) tem um nome específico: capacitismo, do inglês ableism. Fiona Campbell [5], importante estudiosa do **capacitismo**, o define como **um conjunto de crenças e atitudes que acabam por produzir um tipo particular de entender a si (self) e ao corpo, de tal forma que acaba por criar um padrão corporal típico da espécie** e, portanto, aquele visto como essencial. Nesse caso, não se trata apenas de atitudes e comportamentos hostis e negativos direcionados a pessoas com deficiência, mas também uma estrutura que implementa uma noção de normativo, isto é, a imposição de uma classificação entre aqueles pertencentes à humanidade aperfeiçoada ou desenvolvida e aqueles que são descritos como anormais, desviantes, subdesenvolvidos e, portanto, não-humanos [6].

Desde o nascimento de uma criança, ela é inserida em um mundo que propaga uma mensagem de que possuir alguma deficiência é ser inferior. Portanto, **o capacitismo acaba por tirar das pessoas com deficiência a possibilidade de ser "normal"**, pois seu corpo não está no físico ideal criado pela sociedade na qual foi inserido, a qual produz a discriminação [4].



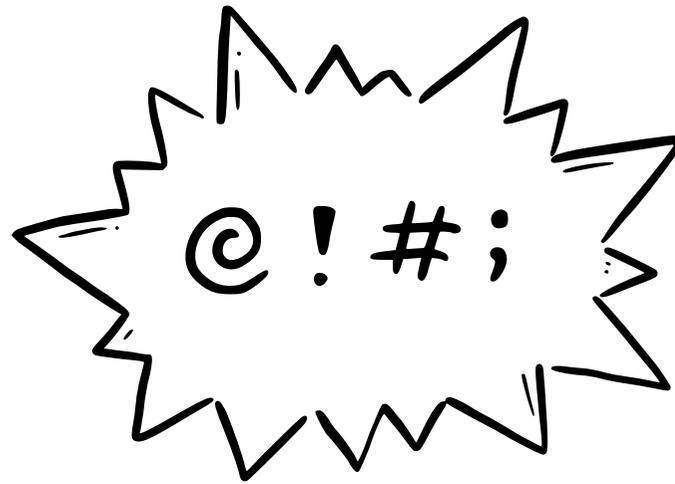


3. Quais as principais formas de expressão do capacitismo?

Há diversas maneiras pelas quais o capacitismo pode se manifestar, por exemplo: **discriminações verbais**, por meio de expressões populares que são reproduzidas no dia a dia; **arquiteturas sem acessibilidade**; por meio de sentimentos ou atitudes **que revelam piedade, inferioridade** ou ainda por meio de **superproteção** [8]. Essas atitudes podem ou não ser intencionais e são internalizadas pela sociedade, de forma insultuosa ou de forma velada.

O capacitismo contribui de forma significativa para a desigualdade vivida pela pessoa com deficiência em diversos âmbitos [1]. A forma de se relacionar, de ter acesso a diferentes ambientes como de lazer, de ter oportunidades de trabalho, de ter acesso a serviços de saúde, quando comparada a pessoas sem deficiência contribuem para a forma como essa desigualdade é vivida e interfere significativamente na qualidade de vida de PCD's.

Os comportamentos capacitistas podem se manifestar tanto de forma explícita quanto de forma implícita. Quando em seu caráter implícito, o capacitismo se revela com ações ditas como piedosas ou expressões filantrópicas revestidas de preconceito relativas às características física ou mentais do indivíduo (como por exemplo, doar uma moeda para uma pessoa com cegueira sem que essa esteja em situação de mendicância). Em sua forma explícita, pode se manifestar em atitudes excludentes, como afastar-se do indivíduo, mirá-lo com olhar ofensivo dentre outras manifestações expressas de preconceito [4].



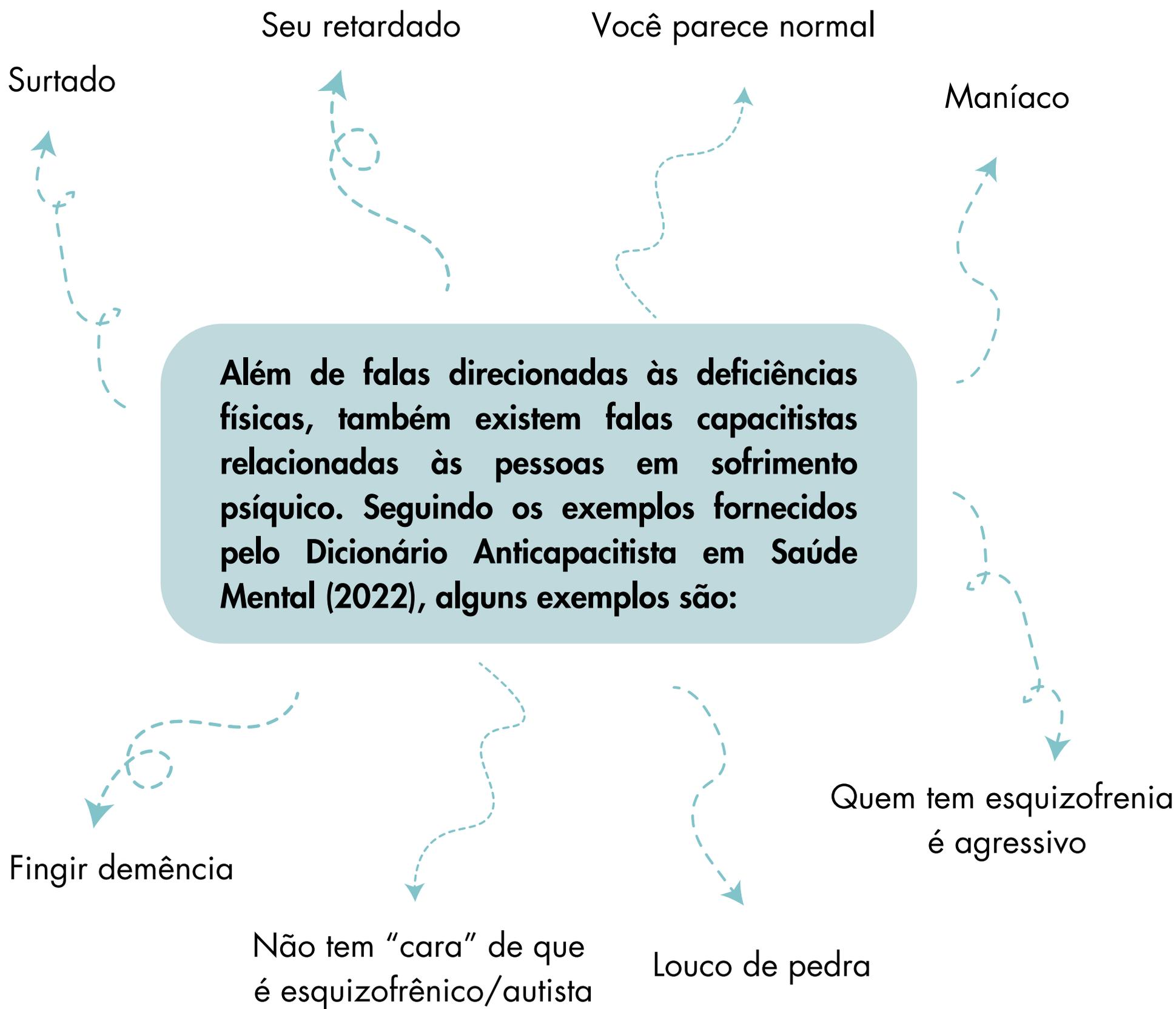
Dentro do comportamento verbal social, há expressões que podem ser lidas como capacitistas, como podemos ver em alguns exemplos do Dicionário Anticapacitista (2022):

“Dar uma de João Sem Braço”

“Estar mal das pernas”

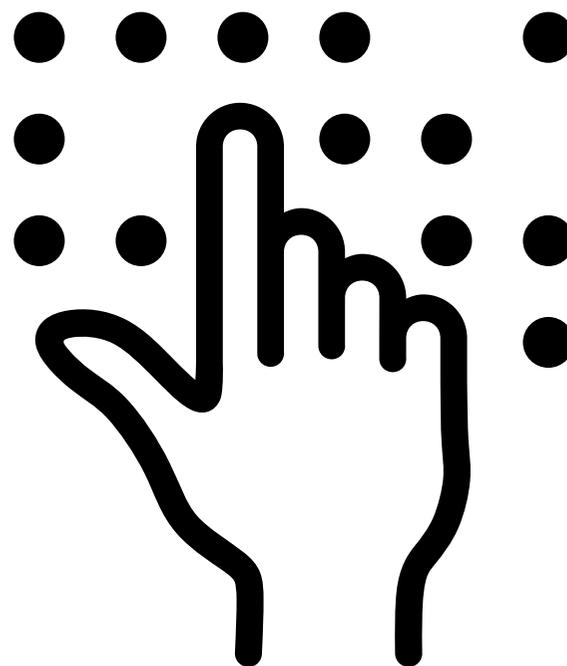
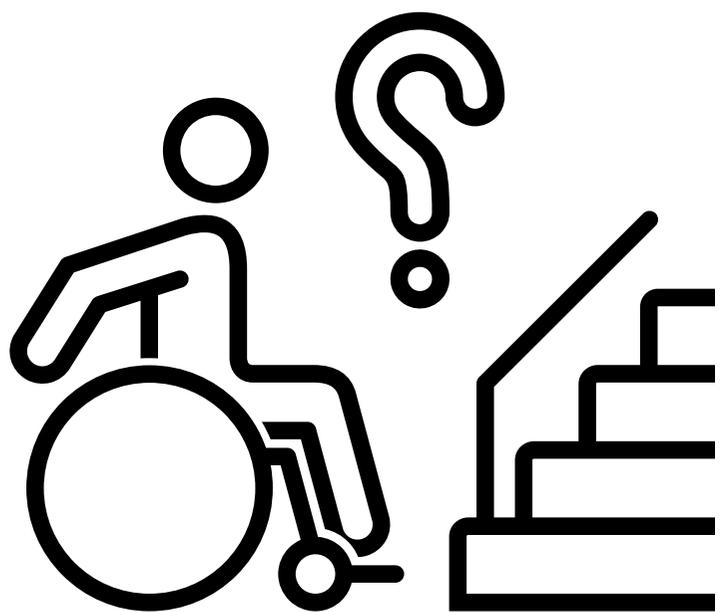
“Está cego/surdo?”

“Dar uma Mancada”





Para além das barreiras atitudinais e linguísticas que as pessoas apontam para a pessoa com deficiência, existem também **barreiras ambientais**. Como por exemplo a **falta de rampas ou elevadores** em uma estrutura com mais de um pavimento, a **falta de pisos táteis** para o acesso da pessoa com cegueira, a **falta de livros e ferramentas de aprendizagem com acesso ao braille**.



4. Como o capacitismo é reproduzido na escola?

- **O capacitismo é um problema estrutural presente na nossa sociedade há vários séculos**, portanto, não é incomum que as instituições sociais reproduzam esse preconceito. **A escola não está imune aos problemas da sociedade** e acaba por absorver e, conseqüentemente, reproduzir cotidianamente os diversos tipos de preconceitos presentes na sociedade simultaneamente.
- **A escola é um lugar de descoberta do mundo e isso inclui a si mesmo e aos outros** e, por isso, a socialização adequada nesse espaço é fundamental para o desenvolvimento intelectual das crianças e a ampliação da consciência social [10]. Desse modo, ao levar em conta a importância dessas interações nas escolas, **é preocupante o fato de que estudantes com deficiência tenham suas experiências nesse espaço prejudicadas e, como consequência, tenham afetados negativamente seu convívio social, sua autoestima, sua aprendizagem e também sua trajetória escolar.**
- **O capacitismo na escola pode se manifestar através de práticas das próprias instituições e nas relações interpessoais**, seja pelos próprios estudantes e profissionais da escola, seja pela presença de currículos capacitistas que refletem nas experiências de aprendizagem [11] [10]. **As práticas pedagógicas que reproduzem o capacitismo são aquelas que não atendem as demandas dos estudantes PCD's**, assim como não buscam integrar os componentes necessários como materiais, estratégias de aprendizagem e atividades que incentivem a interação e os diversos valores e comportamentos entre todos os alunos ([10]

→ **O capacitismo também é reproduzido quando profissionais da escola supõem que o estudante com deficiência não é intelectualmente ou fisicamente capaz de realizar atividades** como os demais estudantes, o que, por sua vez, aumenta as chances de exclusão e as práticas de desinvestimento pedagógico. Essa é uma faceta da ambiguidade do **capacitismo** na escola trazida por Brito [10] que assume um viés **paternalista e benevolente**, justificando a exclusão pela suposta proteção e bem-estar do aluno, em contrapartida às formas hostis e segregadoras. Nela, a dedicação à qualidade do ensino fica comprometida, podendo causar a inatividade dos alunos PCD's durante as aulas, negligência quanto ao seu aprendizado, como a ocupação com tarefas que não estão relacionadas aos objetivos educativos e conteúdos específicos da disciplina.

→ **O espaço físico das escolas, por vezes, se apresenta como uma barreira para a acessibilidade de pessoas com deficiência.** A falta de acessibilidade e de espaços que não promovem a inclusão de pessoas com deficiência na escola é uma forma de capacitismo. **Os estudantes muitas vezes são impedidos**, em função da estrutura ineficaz do ambiente, **de frequentar outros espaços dentro da escola** e, desse modo, privados de obter as mesmas experiências que outros estudantes.

→ **A manifestação do capacitismo entre os alunos é muitas vezes evidenciada pela exclusão em brincadeiras** durante os momentos lúdicos da escola, como o intervalo ou na prática da educação física, em que costumam ser subestimados e ignorados [8]. **Esse processo de exclusão muitas vezes é sutil e velado**; nas interações durante a aula, nas conversas paralelas ou na realização de atividades onde não costumam estarem incluídos.



→ O uso de uma linguagem e até mesmo de expressões capacitistas popularizadas na sociedade, que inferioriza e ridiculariza a pessoa com deficiência traz uma outra forma de reprodução do fenômeno, em que se sobressaem a hostilidade e as violências simbólicas e físicas, o bullying, presentes no dia a dia dessas crianças, que afetam seu desempenho e podem causar, dentre outros problemas, a evasão escolar [10]. **Glat e Estef [12] coletaram em entrevistas sobre as experiências e vivências de alunos com deficiência intelectual relatos como:**



“Tinha quatro contra mim, quando eu era da turma, eles não gostavam de mim, [...] estavam me fazendo negócio de maldade, me chamando de doente, de maluco.”

Cabe assim ressaltar que o capacitismo é um **fenômeno complexo e diversificado** e que, portanto, as manifestações associadas às relações entre os colegas e professores, interpessoais e intergrupais, são afetadas e afetam àquelas manifestações estruturais e institucionais, relacionadas ao ambiente físico e às mudanças de currículo de ensino [10].

5. Quais os impactos do capacitismo?

Existe uma grande preocupação com as desvantagens vivenciadas pelas pessoas com deficiência de modo especial, no que se refere à educação, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) incentiva o desenvolvimento de um sistema educacional mais inclusivo, no qual alunos com e sem deficiência ocupem a mesma sala de aula e interajam durante todo o ciclo de desenvolvimento e aprendizagem.

➔ No entanto, **a mera presença de alunos com deficiência não implica necessariamente na desconstrução do capacitismo e das suas expressões práticas.** Por exemplo, muitos alunos sem deficiência relutam em se envolver com alunos com deficiência por desconforto, medo de ser ofensivo, falta de conhecimento sobre deficiência ou percepção de falta de experiência interagindo com alguém com deficiência. Por sua vez, **mesmo estando inseridos em contextos educacionais regulares, os alunos com deficiência enfrentam atitudes capacitistas e, como consequência, formam menos amizades e podem enfrentar rejeição, exclusão e bullying [13].**



→ Os impactos do capacitismo podem ser observados a curto e longo prazo, em diferentes aspectos da vida. Isso significa dizer que **o capacitismo prejudica o desenvolvimento dos estudantes, afetando suas vidas desde a infância até a fase adulta**. Os impactos do capacitismo podem ser observados desde a trajetória escolar das pessoas com deficiência, até os resultados acadêmicos e profissionais ao longo da vida. Ainda, são identificados problemas em diferentes níveis, desde danos ao bem-estar psicológico até em aspectos socioeconômicos.



→ Considerando os atravessamentos educacionais e as consequências psicológicas do capacitismo, **observam-se impactos como:**

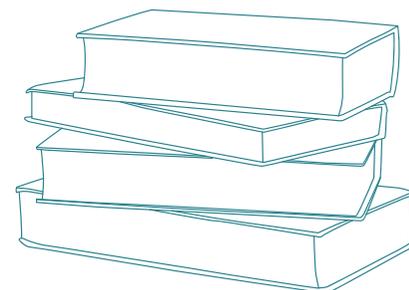
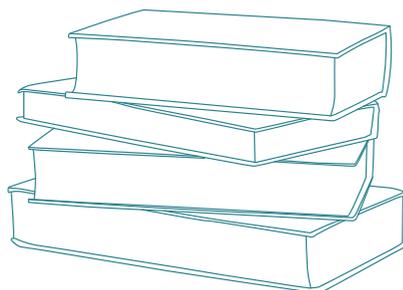
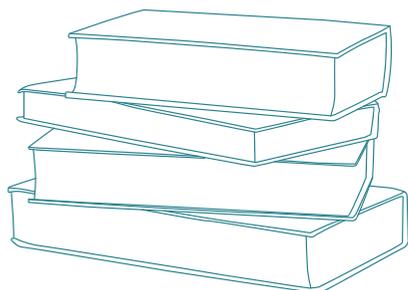
Sentimento de impotência
e inferioridade;
Subjugação;
Sentimentos de solidão e
tristeza profunda;

Baixa autoestima;
Ansiedade;
Depressão;
Atraso no desenvolvimento;
Comportamento suicida.

→ Já se tratando da relação direta com a escola, os estudos apontam:

Segregação em turmas separadas;
Dificuldades e/ou transtornos de aprendizagem;

Prejuízos na socialização;
Reprovação;
Evasão.



CONSEQUÊNCIAS A LONGO PRAZO

- ◆ Falta de autonomia;
- ◆ Isolamento social.

6. A função da escola no combate ao capacitismo

A escola desempenha um papel fundamental no combate ao capacitismo e os profissionais que estão nas escolas **devem atuar constantemente para promover a inclusão de pessoas com deficiência nesse espaço**. Segundo a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, capítulo IV, parágrafo único, no que tange ao direito à educação: “É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação” [22].

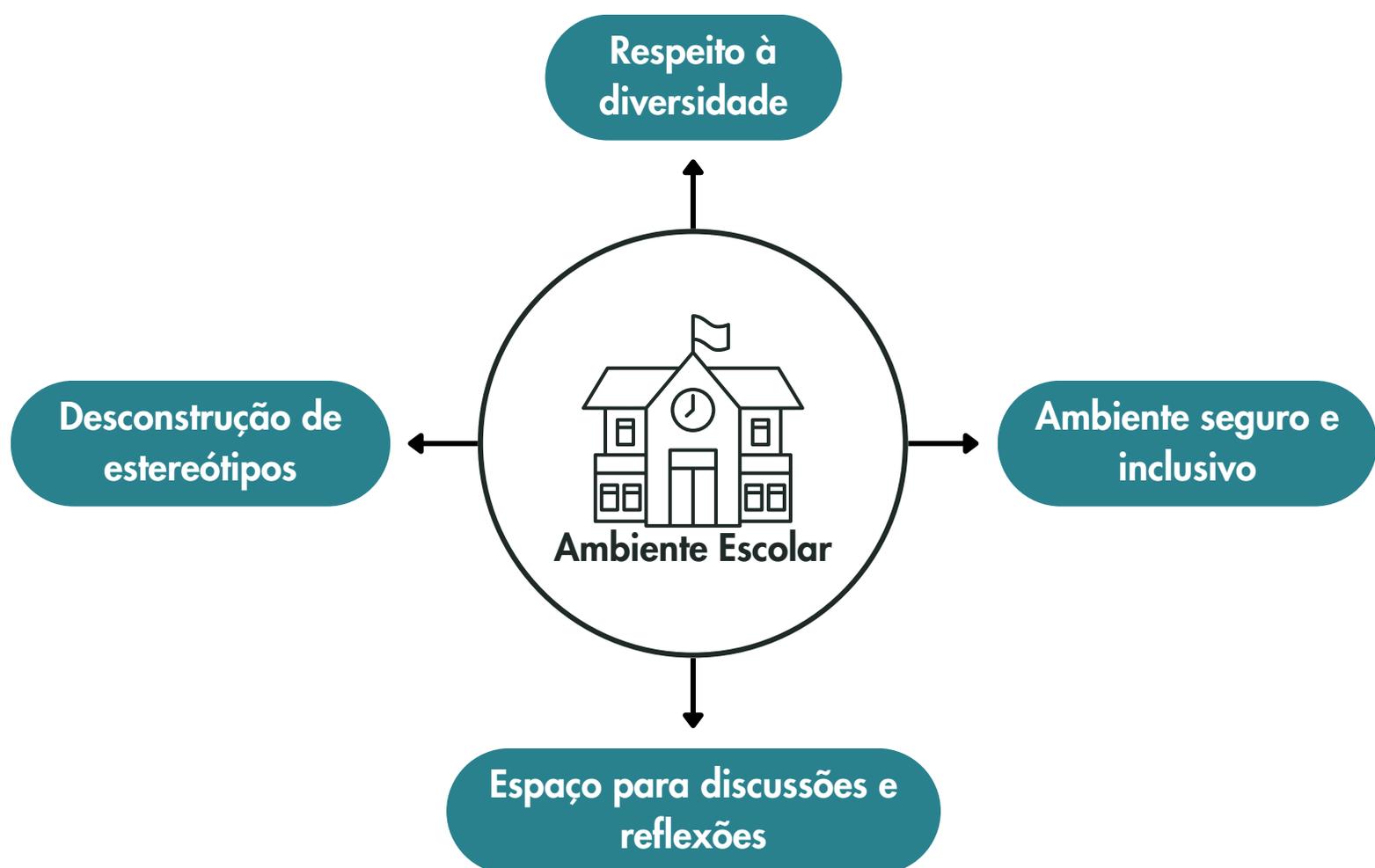


Uma revisão integrativa de literatura internacional e nacional realizada por Ferreira e colaboradores [11] aponta que **a maioria dos trabalhos analisados evidencia a segregação dos estudantes com deficiência em turmas separadas como o modo de reprodução do capacitismo nas escolas**. Além disso, explicita que a reprodução dos valores de normalidade e anormalidade dificulta a participação social de estudantes com deficiência nas atividades do cotidiano escolar.

Esse trabalho também citou a identificação da presença do capacitismo na estruturação dos planejamentos, na organização de atividades em formato único, sem consideração às especificidades de aprendizagem dos estudantes PCD's, assim como em currículos rígidos e inacessíveis. Percebemos, assim, a violação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência no ambiente escolar e a instituição de práticas capacitistas. Tendo isso em mente, podemos entender como **a escola tem papel fundamental no enfrentamento do capacitismo**, uma vez que é um **ambiente de grande importância para o desenvolvimento social e cognitivo dos alunos**, mas ainda é um local em que o fenômeno do capacitismo está presente no dia a dia dos estudantes.

É importante explicitar que **somente a presença** de alunos com deficiência nas escolas e nas salas de aula **não garante sua participação ativa naquele ambiente de aprendizado**, sendo assim, é necessário que a escola valorize a diversidade entre os estudantes e promova um ambiente seguro e que apoie seus alunos através, por exemplo, do fortalecimento da confiança e do respeito entre professores e alunos com deficiência e a valorização das opiniões desses alunos [1].

Como a escola pode atuar no combate ao capacitismo:





7. O papel do(a) professor(a)

O professor é uma figura de conhecimento e identificação na escola e **ocupa uma posição privilegiada para abordar as questões sobre a deficiência e combater a discriminação contra pessoas com deficiência.** Tal discriminação pode ocorrer devido a inúmeros fatores, como a crença em estereótipos negativos, a influência de modelos de comportamento intolerantes e a falta de compreensão sobre a deficiência [15]. Por isso, os professores precisam:

- ◆ **Conhecer sobre os direitos dos estudantes e o manejo apropriado para suas especificidades em termos do processo educacional:** os professores podem buscar informações ou capacitações sobre educação inclusiva ou mesmo solicitar à gestão escolar a realização de formações para discutir documentos normativos no campo. São de grande relevância a Declaração de Salamanca [22] e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e seus desdobramentos, como a Sala de Recursos Multifuncionais, a oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE), o desenvolvimento dos Planos Educacionais Individualizados (PEIs), entre outros aspectos. Esses conhecimentos são necessários para que o professor tenha segurança e propriedade para lidar com as demandas envolvendo o capacitismo que surgirem em sala de aula. É importante salientar que situações capacitistas podem ser expressas tanto em decorrência do despreparo profissional, como também por parte dos estudantes.



- ◆ **Responder adequadamente dúvidas e curiosidades dos alunos:** Desde muito cedo, as crianças notam e nomeiam as diferenças humanas, como a deficiência e, embora isso não seja um fator problemático, é a forma como os adultos respondem ou mais comumente, silenciam as perguntas das crianças, que pode reforçar o preconceito. Quando as respostas dos professores a esse estranhamento e curiosidades naturais são evasivas e superficiais, é muito provável que as conversas sobre as diferenças sejam colocadas na categoria de assuntos tabus para a criança. Além disso, o silêncio perpetua o preconceito e o medo, transmitindo a ideia de que algumas formas de diferença são menos desejáveis e que fazer parte de certos grupos é negativo [13] [25].
- ◆ **Envolver os alunos sem deficiências nas discussões sobre capacitismo:** Essa ação pode ser feita discutindo-se abertamente as falhas de estereótipos negativos; experimentando-se uma variedade de conteúdos em todo o currículo que exhibe pessoas com deficiência como iguais e mostra seus sucessos; e interagindo-se com modelos que oferecem críticas sociais ao tratamento destinado à deficiência, como o Modelo Social [15].
- ◆ **Adotar pontos de vista coerentes com perspectivas inclusivas e os efetivar nas práticas escolares:** Isso pode ser feito por meio de atividades, discussões sobre diversidade, nas respostas às perguntas dos alunos e na construção de uma cultura de sala de aula baseadas no respeito e valorização das diferenças. Os educadores podem proporcionar aos alunos a oportunidade de compreender que a deficiência pode representar uma cultura entre as muitas outras que existem e que deve ser valorizada e tratada com aceitação e apoio [18].

- ◆ **Incluir a discussão sobre capacitismo dentro das diferentes disciplinas:** O estudo [15] apresenta um plano a ser aplicado ao longo de três semanas, com atividades diárias e interdisciplinares. Por exemplo, na área da Matemática, especificamente em Estatística e Probabilidade, as questões sobre capacitismo podem ser abordadas por meio do trabalho com dados sobre o número de pessoas com deficiência. No campo da Linguagem, os alunos podem trabalhar habilidades relacionadas ao falar e ouvir, por meio do debate e construção de uma miniaula sobre os desafios do aluno com cegueira em sala de aula.
- ◆ **Realizar jogos interativos:** um exemplo é a atividade proposta pelo Observatório Permanente dos Preconceitos nas Escolas de Sergipe (OPPES), que teve como objetivo levar informações sobre a deficiência a partir de uma linguagem acessível para crianças e adolescentes. O jogo foi denominado “verdades e mentiras sobre a deficiência” e possibilitou a reflexão e o debate sobre dez questões envolvendo a deficiência, no qual os estudantes organizados em trios deveriam indicar se a assertiva representava uma verdade ou uma mentira, e, depois, foi feita uma problematização envolvendo cada questão em específico.



É essencial que os professores sejam preparados para lidar com o capacitismo, por meio de formação contínua e treinamentos sobre diversidade e inclusão, para estar sempre atualizados e melhor preparados para lidar com questões capacitistas na na escola.

Alguns estudos destacam a importância da articulação entre escola e família para promoção do sucesso escolar e superação de situações críticas [17]. Nesse sentido, **a atuação dos professores isoladamente não contempla a complexidade do processo de socialização e redução de capacitismo, sendo fundamental atuar em conjunto com outros membros que compõem a comunidade escolar**, como a gestão escolar, a família e outros profissionais que atuam na escola, como psicólogos e assistentes sociais.





8. O papel da gestão escolar

A atuação da **gestão escolar na luta contra o capacitismo** é de extrema importância. A gestão escolar não se limita à administração burocrática, mas também inclui **a promoção de uma cultura de respeito e de tolerância**. Ao desenvolver **políticas e estratégias pedagógicas inclusivas**, os gestores contribuem na superação de práticas discriminatórias. Para isso, é fundamental:

Identificar espaços inacessíveis e práticas que podem ser capacitistas:

A gestão escolar deve se perguntar se nas salas de aulas e ambientes comuns, há espaço para uma pessoa transitar com uma cadeira de rodas? Há sinalizações táteis no chão para pessoas com baixa visão ou deficiência visual? Há intérprete de libras? As aulas que os alunos assistem são acessíveis a alunos com dificuldades devido a alguma deficiência?

Desenvolver programas de formação para professores e funcionários:

A gestão escolar pode desempenhar um papel crucial ao implementar políticas que promovam a equidade e a inclusão, garantindo que todos os alunos tenham acesso igualitário a recursos e oportunidades educacionais. Ao desenvolver programas de formação, os gestores escolares podem criar um ambiente onde as diferenças são acolhidas e não estigmatizadas.

Assumir uma perspectiva crítica na gestão escolar:

Uma gestão escolar crítica não apenas responde às necessidades imediatas dos alunos, mas também questiona as normas sociais e educacionais que marginalizam certos grupos. Isso envolve a promoção de políticas inclusivas e a defesa de práticas que reconheçam e valorizem a diversidade como um recurso educacional [18].

Colaborar com os pais e a comunidade para criar um ambiente de apoio que enfrente o capacitismo:

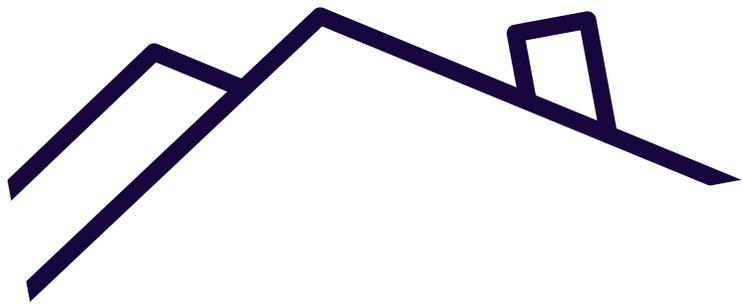
Envolver as famílias no processo educacional não apenas fortalece a parceria escola/comunidade, mas também ajuda a construir uma rede de apoio que beneficia todos os alunos, especialmente aqueles com necessidades especiais. Ao estabelecer canais abertos de comunicação e oferecer oportunidades para a participação dos pais, os gestores escolares podem fortalecer a inclusão e a aceitação dentro da escola [19]. Assim, ao envolver os pais no processo educacional e ao criar redes de apoio locais, as escolas podem ajudar a superar barreiras sociais e culturais que perpetuam o capacitismo.

Adaptar o currículo e a utilização de tecnologias assistivas:

É essencial que as escolas estejam equipadas com recursos que permitam a participação plena de alunos com deficiência nas atividades acadêmicas e sociais. Isso não apenas facilita o aprendizado individualizado, mas também promove a autonomia e a autoestima dos estudantes [20].

A luta contra o capacitismo na escola requer uma abordagem multifacetada que envolve desde a formação de professores até a adaptação curricular. Gestores escolares devem estar atentos a esse processo e precisam promover um ambiente educacional em que todos os estudantes, incluindo aqueles com deficiência, se sintam valorizados, apoiados e respeitados.





9. O papel da família

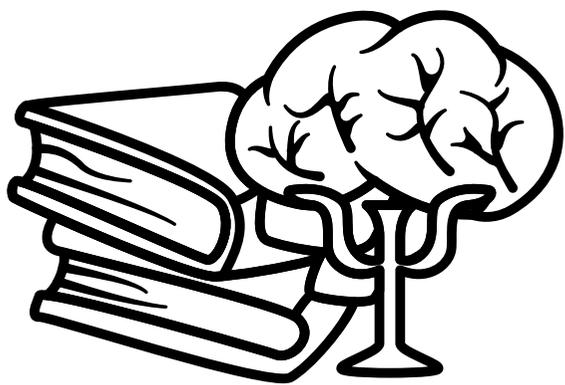
Assim como a escola, **a família exerce um papel fundamental** no processo de **socialização e formação de identidade** dos indivíduos. Ela é considerada a primeira agência educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo [17].

- ➔ O papel da família no enfrentamento ao capacitismo requer **investimentos em duas perspectivas principais**. **A primeira refere-se à sociabilização e às vivências coletivas**, na qual destaca-se a responsabilidade familiar em termos de oferecer modelos para o desempenho de papéis sociais e para aquisição de comportamentos considerados positivos, em termos dos padrões sociais vigentes em determinada cultura; nesse processo, os pais devem educar os filhos para o **combate ao capacitismo e todas as formas de preconceito**, incentivando o **respeito pelas diferenças**.
- ➔ **A segunda dimensão é mais subjetiva e diz respeito à construção de identidade e autopercepção positivas**, tarefa que é particularmente importante, sobretudo quando a criança ou o adolescente é uma pessoa com deficiência. Nesse sentido, é muito importante que as famílias possam fortalecer, de forma positiva, a identidade dessa criança ou adolescente desde muito cedo. É importante **promover diálogos** com elas sobre diferenças e sobre deficiências, mas também que elas se vejam **representadas de forma positiva** nos diferentes espaços.
- ➔ Considerando o processo de sociabilização, a família apresenta os primeiros parâmetros para os comportamentos das crianças. Nesse sentido, ela tem a responsabilidade de **promover uma educação baseada no respeito e na valorização da diversidade humana**. Para isso, é preciso:

- ◆ **Estar aberta ao diálogo e acolher os estranhamentos que surgirem em relação às diferenças por parte das crianças:** Uma das principais estratégias de aprendizagem utilizadas por crianças é a observação e, nesse sentido, é preciso que o contexto familiar ofereça exemplos práticos de ações inclusivas. Por exemplo, conversar sobre diferenças e valorizar a diversidade, não utilizar as vagas de estacionamento reservadas para pessoas com deficiência, respeitar a prioridade nos assentos no transporte público e nas filas de caixas e supermercados, são exemplos de ações não capacitistas que podem ser utilizadas para refletir sobre o tema.
- ◆ **Fortalecer a identidade da pessoa com deficiência:** É importante utilizar estratégias que favoreçam o desenvolvimento de uma identidade positiva, autoestima e competências socioemocionais para lidar com as situações capacitistas que, pelo menos a curto prazo, inevitavelmente surgirão. Para isso, é igualmente necessário que pais e demais membros da família revejam os seus próprios preconceitos em relação a deficiência para que não sejam, eles próprios, agentes de discriminação em relação aos filhos e as demais pessoas com deficiência.
- ◆ **Agir individualmente por meio da reivindicação dos direitos e denúncia dos abusos cometidos:** Para tanto, é importante buscar informações e ter conhecimento das leis e outras proteções legais que asseguram os direitos do grupo. Por exemplo, a Constituição Federal [21] e a Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13. 146/2015 [LBI]) [22] são instrumentos de grande importância. Além disso, existe também uma ampla diversidade de projetos de leis e políticas públicas pensadas para promoção da inclusão.
- ◆ **Atuar de forma coletiva através do engajamento em movimentos sociais e grupos que defendem os direitos dessa minoria:** Um exemplo é a participação em associações e grupos, em lutas e discussões propostas pelos conselhos municipais, estaduais ou nacionais que lutam pela defesa dos direitos das pessoas com deficiência.

A articulação entre escola e família tem grande potencial para o combate ao capacitismo. Como visto, existem diversas estratégias para as famílias abordarem essa problemática e contribuir na redução do preconceito e para promover a inclusão e o respeito pela diversidade.





10. O papel da psicologia escolar

A escola deve se tornar um espaço onde os estudantes aprendem a viver, uns com os outros, de maneira democrática e respeitosa. Escolas são espaços de transformação, onde podemos aprender a questionar as injustiças sociais e agir para promover a igualdade de direitos. A **psicologia escolar** tem um papel importante nessa tarefa, podendo **promover um ambiente educacional mais inclusivo e a conscientização contra o capacitismo**. Para isso, é importante:

Promover práticas e programas de sensibilização e conscientização: Os psicólogos escolares podem desafiar estereótipos e preconceitos arraigados, promovendo uma cultura de aceitação e respeito de pessoas com deficiência. Uma possibilidade é a realização de programas e projetos de sensibilização e treinamento, nos quais esses profissionais ajudem a transformar atitudes e práticas de outros profissionais dentro das escolas. Para isso, apostar em abordagens que levem a comunidade escolar a questionar as estruturas sociais de poder e a apresentar um pensamento crítico [20].

Promover estratégias que levem à compreensão da origem das desigualdades sociais e promovam o respeito mútuo entre os alunos: Diferentes estratégias podem ser adotadas para sensibilizar os estudantes sobre o capacitismo e estimular a compreensão e o conhecimento sobre a sua origem; atividades que proporcionem o contato intergrupar e o conhecimento acerca das deficiências e do preconceito seria uma dessas possibilidades, pois proporciona novas perspectivas e pontos de vista, já que conhecer o outro, suas perspectivas, visões e dificuldades, aproxima e pode levar a reflexões importantes [23].

Promover oficinas e dinâmicas de grupo: Essas atividades podem contribuir com experiências, nas quais os alunos possam resolver problemas e se colocarem no lugar dos outros. Dessa forma, os alunos podem tornar-se agentes de mudança, desafiando as interações entre pares que refletem o tratamento injusto de outros. Além disso, é possível promover palestras, workshops, seminários, entre outras atividades, que abordem temas como diversidade e deficiência. Essas iniciativas são fundamentais para promover um clima escolar inclusivo e instrumentalizar os alunos com habilidades para reconhecer e combater o preconceito [24].

Incluir as pessoas com deficiência nos debates: É importante criar espaços nos quais as pessoas com deficiência falem sobre suas experiências para a comunidade escolar. Fomentar discussões e debates a fim de conscientizar os alunos sobre a diversidade da deficiência, estas nem sempre visíveis, e que as pessoas vivenciam a mesma deficiência de formas diferentes.

Fornecer suporte às vítimas de preconceito e discriminação: É extremamente importante que os psicólogos escolares estejam preparados para intervir em casos de discriminação, acolhendo e dando suporte emocional às vítimas, além de mediar os conflitos.

A psicologia escolar, sem dúvida, é uma profissão importante na luta contra o capacitismo. O **rompimento com práticas discriminatórias** que perpetuam a exclusão de pessoas com deficiência é essencial para a construção de **escolas mais seguras e respeitadas, onde todos os alunos possam alcançar seu máximo potencial**. Ao colaborar com educadores, alunos e famílias, os psicólogos transformam vidas e contribuem para melhorar a vida dos estudantes e de todo o ambiente escolar.



11. Uma situação de Capacitismo ocorreu na minha escola. Como posso lidar com isso?

Lidar com situações de preconceito costuma ser um desafio para muitos professores e demais membros da escola. **Ocorrências de discriminação não devem ser ignoradas e é nosso papel agir diante delas.** Abaixo reunimos dez orientações sobre o que fazer diante desses episódios.

1. Ouvir os envolvidos e acolher as vítimas

A primeira ação a ser tomada é escutar separadamente os envolvidos na situação, as possíveis vítimas, os agressores e as testemunhas:

- ◆ Diante de uma experiência de discriminação, é primordial fornecer escuta, acolhimento e apoio às vítimas da agressão. Procure proteger a vítima e demonstrar apoio e empatia frente ao sofrimento atrelado a essa situação, para que ela se sinta protegida e segura e possa expressar seus sentimentos sem medo de retaliação e julgamento. É importante que essa escuta seja em um lugar calmo e privado que ofereça sigilo e segurança para a vítima. Mesmo que o episódio de discriminação não tenha sido presenciado por você, é importante chamar os envolvidos, demonstrar interesse em ouvi-los e acolher a vítima.

- ◆ É fundamental conversar com os agressores. Ouvir os agressores é importante para compreender a raiz do problema e conscientizá-los sobre os danos causados pelo seu comportamento, bem como para adotar medidas educativas para prevenir ocorrências futuras de violência. É importante que fique claro para eles o posicionamento da escola frente às situações de discriminação, a gravidade de comportamentos como esses e as consequências previstas.
- ◆ Além de acolher as vítimas e ouvir os agressores, é necessário um olhar cuidadoso para as testemunhas da violência, que podem ter sido impactadas emocionalmente e podem esconder informações por temer retaliações ou serem as próximas vítimas. Portanto, é necessário oferecer um ambiente de escuta que transmita confiança e que garanta que medidas serão tomadas sem que essas testemunhas sofram retaliações.

2. Fazer registros

Documente detalhadamente o que ocorreu, incluindo data, local, nomes dos envolvidos e uma descrição do que aconteceu. Esses registros são importantes para garantir que a situação seja tratada com seriedade e podem ser usados como base para ações posteriores e desdobramento dos casos em outras instâncias. No caso de agressores é importante que essas informações estejam presentes também na ficha dos estudantes, pois é possível acessar essas informações em casos de manutenção do comportamento preconceituoso. No tópico 14 deste documento, fornecemos um modelo útil para registrar ocorrências de preconceito na escola.

3. Informar à gestão escolar

Leve o caso ao conhecimento da direção ou coordenação da escola. A gestão escolar deve estar ciente do ocorrido para que possa tomar as medidas administrativas necessárias, garantindo que a situação seja abordada de forma oficial e responsável.

4. Conversar com pais ou responsáveis

É importante também envolver os pais ou responsáveis dos alunos envolvidos. Um diálogo com as famílias pode ajudar a garantir que o problema seja compreendido e trabalhado em diferentes ambientes, incluindo escola e famílias. Todavia, antes de levar o caso para os pais ou responsáveis, é recomendado contatar primeiramente a coordenação, ou outros setores pedagógicos que possam dar segurança de como essa ação será recebida no contexto familiar a fim de não gerar ainsa mais riscos, problemas ou conflitos para a vítima.

5. Promover medidas educativas

Junto com a gestão escolar, determine as medidas educativas apropriadas para quem praticou o preconceito. Essas medidas não podem ter um caráter apenas punitivista, pois muitas vezes a punição não leva o aluno a entender por qual motivo foi punido e qual a gravidade de suas ações. Inserir esses alunos em atividades educativas que promovam reflexões sobre preconceito, diversidade e diferenças pode ser mais positivo.

6. Realizar ações sobre diversidade e preconceito

Além das ações imediatas, é fundamental promover discussões e reflexões sobre preconceito com toda a comunidade escolar. Organize rodas de conversas, palestras ou atividades que conscientizem sobre o impacto negativo do preconceito e incentivem o respeito à diversidade, principalmente entre os alunos.

7. Desenvolver projetos contínuos na escola

Ações para lidar com o preconceito não devem ser realizadas apenas em momentos pontuais, quando ocorrem episódios de discriminação ou apenas em datas comemorativas. É muito importante que projetos contínuos possam ser desenvolvidos durante todo o ano e sejam incluídos no projeto político pedagógico da escola.

8. Criar uma agenda de reuniões e trabalho na escola

É fundamental criar uma agenda de reuniões, grupos de trabalho e comissões entre os profissionais da escola para organizar o trabalho contínuo de controle e prevenção do preconceito, dos conflitos e das violências. Esta agenda de reuniões e de trabalho deve envolver a colaboração de profissionais de outras áreas, como psicólogos e assistentes sociais, que podem contribuir significativamente no enfrentamento das violências nas escolas. Incluir estudantes nessa agenda de trabalho, para que possam receber informações e serem os disseminadores de ideias, pode ajudar a tornar as ações ainda mais eficazes.

9. Acompanhar os alunos ao longo do tempo

É importante continuar acompanhando os alunos envolvidos mesmo após a resolução de uma situação específica de discriminação e avaliar se os mesmos precisarão ser encaminhados para outros profissionais, como psicólogos clínicos. O acompanhamento contínuo demonstra aos estudantes que a escola se preocupa com o bem-estar de todos.

10. Buscar mais informações e apoio institucional

Pode ser difícil lidar com o preconceito quando não nos sentimos preparados ou não sabemos a quem recorrer. Por isso, buscar mais informações sobre esse tema é um passo importante. Existem livros, cursos, podcasts e muitos outros conteúdos de livre acesso que podem nos ajudar nessa tarefa. Também é fundamental acionar a escola, a rede de ensino e a secretaria de educação para buscar apoio institucional e solicitar o fornecimento de formação continuada adequada para o combate dessa violência.



12. Como combater o capacitismo na escola: intervenções e indicações materiais

Diferentes estratégias e intervenções podem ser adotadas no combate ao capacitismo na escola. Essas estratégias incluem ações como **rodas de conversas, palestras, oficinas, projetos contínuos, uso de literatura infantojuvenil e materiais audiovisuais.**

Rodas de conversas

As rodas de conversas podem contribuir para o combate ao capacitismo, pois promovem espaços de diálogos e reflexões que ajudam a sensibilizar os estudantes sobre o tema. Diversidade, respeito às diferenças, inclusão, direitos humanos, preconceito e as consequências do capacitismo podem ser alguns dos temas utilizados para guiar essas discussões. Encontros como esses permitem transmitir informações, promover a troca de experiências e sensibilizar os estudantes sobre a importância da diversidade e das diferenças.

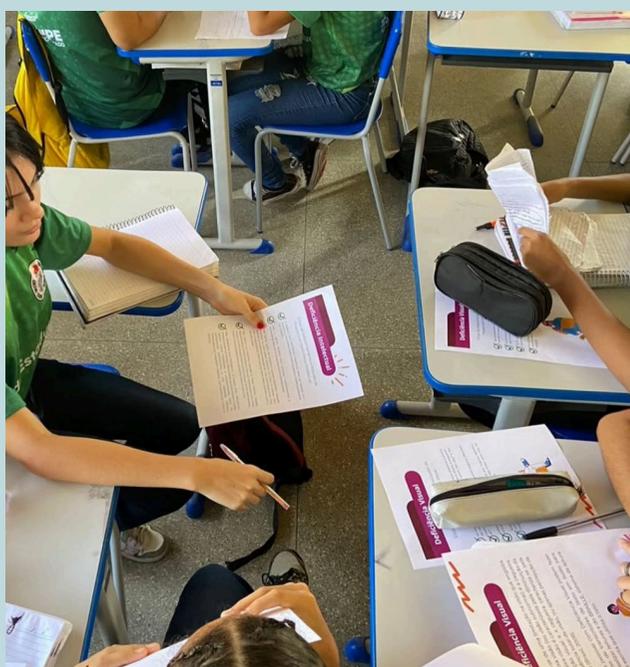


Palestras

As palestras também podem ser utilizadas no combate ao capacitismo. Esse tipo de evento oferece um espaço para que os estudantes e a equipe escolar obtenham informações de especialistas que ajudem a entender o tema de forma adequada. Além disso, essas ocasiões permitem que os estudantes façam perguntas e tirem dúvidas, criando um ambiente de aprendizado e diálogo.

Oficinas

Oficina é um tipo de atividade que colabora no enfrentamento do capacitismo nas escolas. Atividades como: pesquisas no laboratório de informática sobre variados temas que envolvam a diversidade; realização de cine debates, em que os alunos assistem a vídeos e têm a oportunidade de dialogar sobre o tema; oficinas de teatro, oficinas de arte, oficinas de música e oficinas de literatura com o tema do capacitismo. Todas essas iniciativas visam criar um ambiente escolar mais respeitoso e diverso, fortalecendo a luta contra o capacitismo.



Estudantes fazendo o uso da cartilha para realizar as atividades.



O Observatório Permanente de Preconceitos nas Escolas de Sergipe (OPPEs) realizou uma oficina em 2023 que visou trabalhar a temática da deficiência e capacitismo em duas atividades.

A primeira consistiu em apresentações com base na cartilha de capacitismo desenvolvida pelo grupo, e teve como objetivo conhecer as percepções dos alunos sobre deficiências e estereótipos, além de disparar informações sobre o capacitismo e formas de combate.

A segunda atividade consistiu em um jogo de verdades e mitos sobre a deficiência, retomando conceitos, características e informações acerca do tema. Além de possibilitar a transmissão de conhecimento, o jogo possibilitou a quebra estereótipos e preconceitos acerca da deficiência.

QR CODE para ter acesso à cartilha:



Projetos contínuos

Projetos contínuos possibilitam que o combate ao capacitismo seja constante e permanente, criando um ambiente onde essas discussões se tornem parte da rotina escolar. Esses projetos podem ser desenvolvidos de várias formas, incluindo oficinas, espaços de diálogos, cine debates, atividades culturais, clubes de leitura com livros, campanhas de conscientização, implementação de normas de convivência e de respeito, entre outros. Ações contínuas nas escolas mobilizam e sensibilizam os estudantes durante todo o ano escolar e, conseqüentemente, produzem efeitos mais duradouros no combate ao capacitismo.

Outros materiais também podem servir de base de conhecimento e de recurso didático e pedagógico sobre o tema. A seguir, sugerimos algumas literaturas e materiais audiovisuais que podem auxiliar professores, gestores, pais e outros profissionais no combate ao capacitismo na escola.

Literatura infanto-juvenil

A literatura infantojuvenil e os materiais audiovisuais são ferramentas poderosas no combate do capacitismo e podem ser úteis para guiar debates, diálogos e projetos na escola sobre o tema.



◆ **O menino que via com as mãos (2007)**

Conta a história de Luca, um garoto cego que enxerga o mundo de uma forma muito especial: através do toque, dos sons, dos cheiros e das sensações. Luca nos mostra que a visão vai além dos olhos, explorando o mundo com uma percepção sensível e detalhada.



◆ **Turma da Mônica em: Acessibilidade (2012)**

A história em quadrinhos "Turma da Mônica em Acessibilidade" aborda de forma educativa e divertida a importância da inclusão e da acessibilidade para pessoas com deficiência. Nela, o personagem Luca, que usa uma cadeira de rodas, conta sobre as dificuldades que ele e seus outros colegas com deficiência, passam na escola e no bairro devido à falta de acessibilidade.

◆ **Quem disse que eu não vou conseguir? (2007)**

Uma série de história de pessoas com diversas dificuldades, entre elas pessoas com deficiência física, que enfrentam com muita força e esperança os desafios da vida.

◆ **Meu irmão não anda, mas voa (2007)**

Conto sobre a história de uma garotinha que, se sentindo muito solitária, pede um irmão. Seus pais adotam João, um menino com deficiência física, e a narrativa a partir daí explora a relação entre os dois.

◆ **Turma da Mônica em: Um novo amiguinho (2012)**

Nessa história em quadrinhos, a turma conhece o André, um menino autista e com a convivência em conjunto descobrem coisas novas e diferentes sobre ele.

Filmes e Curta-Metragens

◆ **Hoje Eu Quero Voltar Sozinho (2014)**

- Dirigido por Daniel Ribeiro, é um drama brasileiro sobre Leonardo, um adolescente cego que descobre sua independência e um novo sentimento ao se aproximar de Gabriel.
- Classificação indicativa: 12 anos.



◆ **Extraordinário (2017)**

- Dirigido por Stephen Chbosky, é um drama baseado no livro de R.J. Palacio sobre Auggie, um menino com uma síndrome genética rara que enfrenta desafios ao ingressar na escola pela primeira vez.
- Classificação indicativa: 10 anos.

◆ **Colegas (2012)**

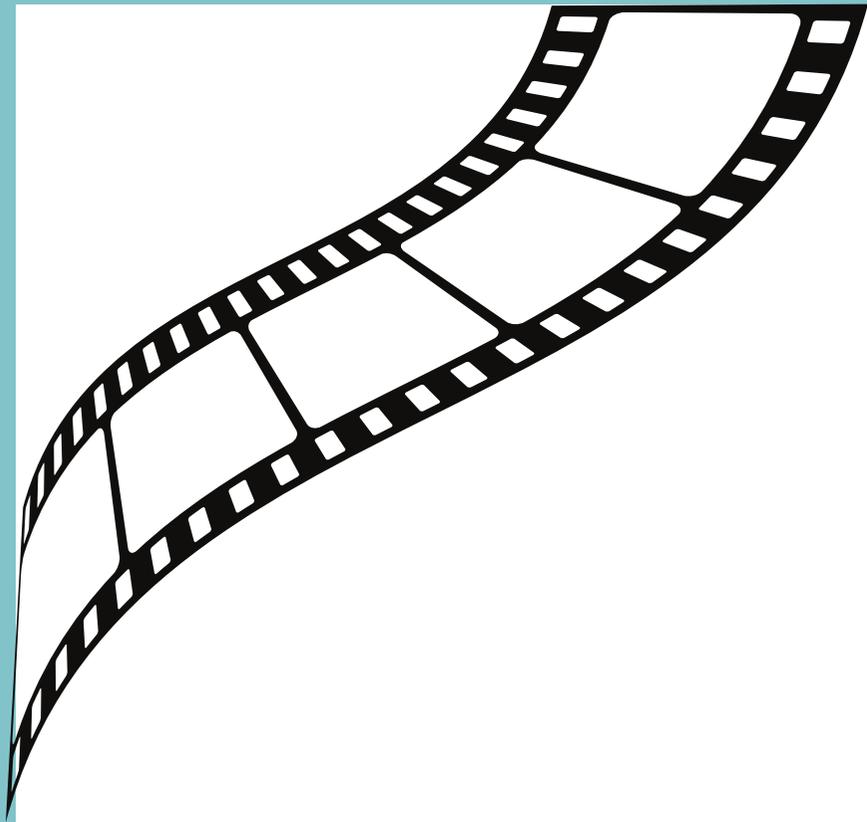
- Dirigido por Marcelo Galvão, é uma comédia brasileira que acompanha três amigos com síndrome de Down que fogem do instituto onde vivem para realizar seus sonhos.
- Classificação indicativa: 10 anos.

◆ • **E seu nome é Jonas (1979)**

- Dirigido por Richard Michaels, é um drama sobre Jonas, um menino diagnosticado erroneamente com deficiência intelectual, quando na verdade é surdo.
- Classificação indicativa: Livre.

◆ **Forrest Gump (1994)**

- Dirigido por Robert Zemeckis, é um drama que acompanha a vida de Forrest, um homem com deficiência intelectual, que presencia e influencia momentos históricos dos EUA com sua visão ingênua e bondosa.
- Classificação indicativa: 14 anos.



◆ **Por que, Heloísa? (2020)**

- Dirigido por Eliza Capai, é um documentário brasileiro que acompanha a trajetória de Heloísa, uma jovem com deficiência intelectual, e sua luta por autonomia em uma sociedade que impõe limites à sua independência.
- Classificação indicativa: Livre.

◆ **Cordas (Cuerdas) (2014)**

- Dirigido por Pedro Solís García, é um curta-metragem de animação espanhol que conta a história da amizade entre María e um novo colega de escola com paralisia cerebral.
- Classificação indicativa: Livre.

◆ **Ian (2018)**

- Dirigido por Abel Goldfarb, é um curta-metragem de animação argentino que conta a história de um menino com paralisia cerebral que enfrenta barreiras físicas e sociais para ser incluído em um parquinho.
- Classificação indicativa: Livre.

◆ **Tamara (2013)**

- Dirigido por Craig Goodwill, é um curta-metragem que acompanha uma menina surda com uma imaginação vibrante, que transforma o mundo ao seu redor através da dança.
- Classificação indicativa: Livre.

◆ **O filho do vizinho (2010)**

- Dirigido por Alex Vidigal, é um curta-metragem brasileiro que aborda a inclusão de pessoas com deficiência intelectual por meio da história de um garoto que observa o filho do vizinho, um jovem com síndrome de Down.
- Classificação indicativa: Livre.



13. Canais de denúncia:

No Brasil, existem vários canais de denúncia para crimes que violam os direitos humanos, como é o caso dos crimes ligados ao capacitismo. Aqui estão alguns:

- **Disque 190:** Serviço da Polícia Militar para denúncias no ato em flagrante do crime.
- **Disque 181:** Serviço da Polícia Civil. Através do 181 o crime é denunciado anonimamente.
- **Disque 100:** Serviço da Secretaria de Direitos Humanos e da Cidadania, disponível 24 horas para receber denúncias de violação de direitos humanos.
- **Delegacias Especializadas:** Muitas cidades têm delegacias especializadas em atender casos de crimes motivados por preconceito. Caso tenha sido vítima ou tenha presenciado uma discriminação, é importante procurar a delegacia mais próxima.
- **Ministério Público:** O Ministério Público pode receber denúncias e investigar casos de discriminação e violência.
- **Centro de Referência de Direitos Humanos:** Muitas cidades possuem Centros de Referência em Direitos Humanos que oferecem apoio e acolhimento, além de orientar sobre como proceder em casos de violência.
- **Organizações Não Governamentais (ONGs):** Existem ONGs que atuam na defesa dos direitos da população negra e praticantes de religiões de matriz africana. Elas podem ser contatas e servir de apoio.
- **Denúncia Online:** A "Delegacia Virtual", do Ministério da Justiça e Segurança Pública permite que as pessoas denunciem de forma online casos de violência ou discriminação.

14. Relatório para registro de ocorrências de preconceito na escola.

RELATÓRIO PARA REGISTRO DE OCORRÊNCIAS DE PRECONCEITO NA ESCOLA

Descrição: Este relatório tem como finalidade registrar ocorrências de preconceito e discriminação na escola. O documento serve como uma ferramenta de monitoramento dos preconceitos e pode ser atualizado conforme as medidas e as ações adotadas pela escola após essas ocorrências. O preenchimento deste relatório é importante para a construção de um panorama a respeito desses conflitos e pode ajudar a planejar estratégias para combater os preconceitos e promover uma cultura de respeito nas escolas.

DADOS DO(A) ESTUDANTE QUE FOI VÍTIMA DE PRECONCEITO:

Nome: _____
Turma/Série: _____ Idade: _____
Sexo: _____ Cor da pele: _____
Responsável: _____

DADOS DO(A) ESTUDANTE QUE PRATICOU O PRECONCEITO:

Nome: _____
Turma/Série: _____ Idade: _____
Sexo: _____ Cor da pele: _____
Responsável: _____

INFORMAÇÕES GERAIS DO OCORRIDO:

Data: ___ / ___ / _____
Local do ocorrido: _____
Tipo de violência: _____

DESCREVA ABAIXO A OCORRÊNCIA DA SITUAÇÃO (O que aconteceu? Como aconteceu? Quando aconteceu? Desde quando acontece? Com qual frequência? Quem são os envolvidos?):

DESCREVA AS AÇÕES IMEDIATAS TOMADAS PELA ESCOLA (Por exemplo: o que a escola fez após receber a denúncia? Houve encaminhamento para alguma outra instituição? Se sim, qual?)

DESCREVA AS AÇÕES FUTURAS ADOTADAS PARA O ACOMPANHAMENTO DO CASO:

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Carimbo da Instituição:

Assinatura do(a) Redator(a)

15. Referências

1. OMS 2011. "World report on disability 2011". World Health Organization - WHO. Press, 20 Avenue Appia, 1211 Geneva 27, Switzerland.
2. Campbell, F. K. (2005). Selling the cochlear implant. *Disability Studies Quarterly*, 25(3), 1-16.
3. Camargo, F. P. D., & Carvalho, C. P. D. (2019). O direito à educação de alunos com deficiência: a gestão da política de educação inclusiva em escolas municipais segundo os agentes implementadores. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 25(4), 617-634.
4. Lage, S. R. M., Lunardelli, R. S. A., & Kawakami, T. T. (2023). O Capacitismo e suas formas de opressão nas ações do dia a dia. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia E Ciência Da Informação*, 28. <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2023.e93040>
5. Campbell, F. K. (2001). *Inciting legal fictions: 'disability's date with ontology and the ableist*. Leeds: The Disability Press.
6. Campbell, F. K. (2019). Precision ableism: a studies in ableism approach to developing histories of disability and abledment. *Rethinking History*, 23(2), 138–156. <https://doi.org/10.1080/13642529.2019.1607475>
7. Campbell, F. K. (2009). *Contours of Ableism – The production of disability and abledness* (1.ª Ed.) Palgrave Macmillan. <https://link.springer.com/book/10.1057/9780230245181>
8. Sousa, V. C. A. de. (2021, December 6). O capacitismo e seus desdobramentos no ambiente escolar. [Repositorio.ufpb.br. https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21917](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21917)

9. Dicionário Anticapacitista (2022). Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/629763139/Dicionario-Anti-Capacitista>

10. Brito, F. B. (2021) Discernindo o capacitismo na escola. Plataforma Espaço Digital. Anais do IV CINTEDI 2021. <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/81760>

11. Ferreira, S., Gesser, M., & Kempfer, L. (2024). Narrativas de estudantes da educação básica sobre o capacitismo e o anticapacitismo presentes nas práticas pedagógicas na escola. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 105, e5821–e5821. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.105.5821>

12. Glat, R., & Estef, S. (2021). Experiências e Vivências de Escolarização de Alunos com Deficiência Intelectual. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 27. <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0184>

13. Hansen, G., de Souza Lukasinski, M., Tucunduva, F. F., & Bueno, J. (2023). Desenvolvimento de recursos pedagógicos acessíveis e digitais para pessoas com baixa visão: um levantamento bibliográfico.

14. Krause, M. P. B., Bernardes, A. M. de O., Rocha, I. M. R., Pitanga, C. V. (2024). Capacitismo e seus efeitos nocivos em alunos com deficiência no ambiente escolar. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, v.16, n.8, p. 01-18. <https://doi.org/10.55905/cuadv16n8-027>

15. Ellman, L. (2011). Opening eyes to the blind: A unit plan that confronts ableism in a standards-based general education classroom. *The Clearing House: A Journal of Educational Strategies, Issues and Ideas*, 85(1), 15-22. <https://dx.doi.org/10.1080/00098655.2011.604362>

16. Darrow, A. A. (2013). Culturally responsive teaching: Understanding disability culture. *General Music Today*, 26(3), 32-34.

17. Oliveira, C. B. E. de ., & Marinho-Araújo, C. M.. (2010). A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos De Psicologia (campinas)*, 27(1), 99–108. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100012>

18. Hargreaves, A., & Fink, D. (2007). 7 Principio de un liderazgo sostenible. *Padres y Maestros/Journal of Parents and Teachers*, (310), 17-21.
19. Nielsen, L. B. (1999). *Necessidades Educativas Especiais na Sala de Aula. Um Guia para Professores*. Porto: Porto Editora.
20. Thomas, G., & Loxley, A. (2007). *Deconstrucción de la educación especial y construcción de la inclusiva*. Editorial La Muralla.
21. Brasil. (1994). Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial. *Política nacional de educação especial*. Brasília, DF: MEC, 1994.
22. Brasil. (2015). *Orientações para implementação da política de educação especial na perspectiva da educação inclusiva*. Brasília, DF: DPEE/SECADI/MEC.
23. Abbot, N., & Cameron, L. (2014). What makes a young assertive bystander? The effect of intergroup contact, empathy, cultural openness, and in-group bias on assertive bystander intervention intentions. *Journal of Social Issues*, 70(1), 167–182. <http://dx.doi.org/10.1111/josi.12053>
24. Ferguson, D. (2008). International trends in inclusive education: the continuing challenge to teach each one and everyone. *European Journal of Special Needs Education*. Philadelphia, v.23,n.2,p.109-120.
25. Moreira-Primo, U. S., & França, D. X. Socialização étnico-racial parental: contribuições para o bem-estar e desenvolvimento de crianças e jovens. *Psicologia Argumento*, 42(116), 2024. <https://doi.org/10.7213/psicolargum.42.116.AO15>



Observatório
Permanente dos
Preconceitos em
Escolas de
Sergipe

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
SERGIPE



Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe